

Débora dos Reis Machado

AS NARRATIVAS E OS OLHARES NA CIDADE DE JUIZ DE FORA:
Memórias do bairro Olavo Costa, vários pontos a se lembrar.

JUIZ DE FORA-MG

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

AS NARRATIVAS E OS OLHARES NA CIDADE DE JUIZ DE FORA:
Memórias do bairro Olavo Costa, vários pontos a se lembrar.

Débora dos Reis Machado

Trabalho de conclusão de curso elaborada sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ludmilla Savry dos Santos Almeida, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

JUIZ DE FORA-MG

2019

À minha família, pelo apoio constante. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me ajudaram, de diferentes formas, a compor esta pesquisa, me cedendo imagens, fotos, documentos e depoimentos.

O percurso até aqui não foi fácil, mas graças ao apoio, carinho, e amizades consegui concluir essa etapa. Devo muitos agradecimentos a todos que me ajudaram.

Meus mais sinceros agradecimentos aos meus pais, sem eles eu não seria a mesma. Toda vez em que eu pensava não ser capaz, me lembrava de todos os seus ensinamentos e esforços dedicados a mim.

Ao meu pai Joaquim, exímio contador de histórias, que fez dessa sua profissão em uma pequena mercearia da cidade de Lima Duarte. Pai muito obrigado pelo exemplo.

À minha mãe, essa sempre esteve ao lado de suas filhas, me lembro como se fosse ontem, de sua alegria ao ir comigo fazer minha inscrição na faculdade. Nos momentos de dificuldade sempre tem uma força inimaginável, é a “Girl power” da família.

À minha irmã, devo agradecer a companhia em uma nova cidade, e as constantes caronas, seria bem mais difícil sem ela me acompanhando, desde a época em que pegávamos o ônibus de divisa para Juiz de Fora.

Agradeço a meu namorado Pablo por compreender meus momentos de tensão, estar sempre ao meu lado, sempre me ajudando a superar as dificuldades encontradas neste caminho.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram nessa pesquisa e no percurso da graduação, a meus amigos da faculdade e meus grandes amigos do estágio, devo a vocês muitos agradecimentos. Agradeço aos professores da faculdade, que me ajudaram nesta jornada passando seus conhecimentos.

Em especial a minha orientadora de estágio Valéria Leão Ferenzini, sem ela nada seria possível.

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar se é possível resgatar memórias positivas de um bairro estigmatizado de Juiz de Fora, o bairro Olavo Costa, visando à possibilidade de um novo olhar para o mesmo. O olhar pode influenciar inclusive a própria memória desses moradores sobre o lugar a que pertencem. Para identificar qual olhar está sendo dirigido ao bairro, vamos fazer um breve questionário no centro da cidade de Juiz de Fora, e entrevistas com os moradores do bairro, veremos qual a distância entre o olhar dos que moram no bairro e o restante da cidade.

Portanto, vamos buscar a partir de narrativas de antigos moradores, resgatar memórias positivas e tradições, para que os moradores do bairro se sintam identificados com novas narrativas, e para assim mostrar a necessidade de mais ações de educação patrimonial sobre as origens do bairro. Para tal faremos uma breve análise das discussões sobre memória e em como ela é importante para o sentimento de pertencimento e identidade. As notícias que circulam sobre o bairro podem criar nos moradores um sentimento ruim, por serem bombardeadas dia a dia com noticiários negativos, referentes a violência.

O objetivo é de ir para além do crime, mostrando se há outras histórias possíveis, sobre a comunidade pesquisada, que na cidade de Juiz de Fora é popularizada pelos atos de criminalidade.

Também vamos analisar trabalhos já realizados sobre o bairro, com a finalidade de buscar entender melhor sua construção e história. As entrevistas com os moradores também serviram como apoio para compreensão da história do bairro, dessa forma a busca por entrevista será com moradores que estão mais tempo no bairro.

O presente trabalho servirá não só para fazer surgir essas memórias positivas, como também servirá para futuras pesquisas que busquem a história da comunidade em questão.

Palavras-Chaves: narrativas da comunidade, Bairro Olavo Costa, Memória, criminalização da pobreza, história oral, tradições.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1. Foto tirada de celular na via 525 que faz a ligação entre o centro e a Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia 20 de abril de 2019. Nela contem um cartaz de oportunidade de estudo que não está presente em ônibus que passam pelo bairro.	19
Figura 2- Foto reproduzida de aplicativo social do morador do bairro (Valter Vanderley Garcia, presidente da associação dos moradores), no dia 11 de abril. Nela é divulgada a Copa de Futsal que aconteceria no bairro Olavo Costa....	22
Figura 3- Foto reproduzida de aplicativo social do morador do bairro(Valter Vanderley Garcia, presidente da associação dos moradores), no dia 10 de abril. Nela é divulgado Ginástica que acontece no Bairro Olavo Costa.	23
Figura 4 – Foto reproduzida do site do Tribuna de Minas, no dia 23 de abril de 2019. Nela é apresentada as reportagens referentes ao bairro pesquisado.	24
Figura 5- Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Ferreira, fotógrafo, sem data. Nela podemos observar um dos desfiles da Juventude Imperial..	26
Figura 6- Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Ferreira, fotógrafo, sem data. Nela está Davi Chaves, atual presidente da Juventude Imperial, junto com cantor não identificado.....	28
Figura 7 - Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Ferreira, fotógrafo, sem data. Nela está Flavinho da Juventude cantando na agremiação Juventude Imperial.	Erro! Indicador não definido.
Figura 8- Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Ferreira, fotógrafo, sem data. Nela está Padre Aloísio celebrando um batismo na Paróquia do bairro Olavo Costa.	31

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Conhecendo o Objeto de Pesquisa	10
2. A Memória como um novo objeto de identidade e pertencimento...	12
3. Vila Olavo Costa e seus olhares	16
4. Sobre as Ausências e invisibilidade das Narrativas dos que moram no bairro Olavo Costa	20
5. O bairro Olavo Costa e suas contribuições históricas para a cidade de Juiz de Fora. 25	
Conclusão	33
Bibliografia.....	35
Corpus documental	37
Anexo I	38

Introdução

Para adentrar no tema deste trabalho vale se deparar com outras categorias, como a sociológica, que se adequam à interpretação da realidade que aqui será estudada, sobretudo no que diz respeito às discussões sobre as classes sociais brasileiras. Esse breve deslocamento de olhar, nos permite dar melhor visibilidade às pessoas e seus problemas, dentro do contexto político de um país extremamente excludente e que serve, segundo “perspectivas acadêmicas consagradas” para perpetuar a desigualdade. É esse deslocamento de olhar que nos interessa nessa pesquisa.

Para tal, cabe a nós referenciar o trabalho de Zygmunt Bauman Zahar¹, em sua obra “Vidas Desperdiçadas”², onde descreve o desenvolvimento da sociedade moderna, usando a metáfora de um projeto, em que para a sua realização, sempre contínua e ininterrupta, ocorrem perdas e partes são deixadas de lado. O exemplo apresentado pelo autor é o de uma estátua idealizada em um bloco de granito, onde partes serão removidas até atingir a perfeita forma da escultura. Nesse processo grande parte da escultura, que compõe a estátua vira refugo, lixo para ser descartado, o que resta é apenas a estátua idealizada.

Pensando na realidade social de acordo com o sociólogo, os indivíduos que não possuem lugar em um “projeto” são descartados socialmente. As atuais configurações do mercado e do trabalho fazem com que parte significativa da população não encontre lugar. E não apenas nos melhores postos de trabalho, mas muitas das vezes em qualquer trabalho formal, ou mesmo, naqueles mais subalternos, precarizados, insalubres e inseguros.

Segundo o autor essas pessoas acabam funcionando como um “exército de reserva” e muitas vezes, essas sofrem preconceito por simplesmente morarem em determinadas localidades que são marginalizadas pelos olhares da cidade. Esse é o caso do bairro Vila Olavo Costa. É como se esses bairros marginalizados fossem vistos como as sobras do bloco de granito da cidade.

Em outra metáfora, comparada a modernidade a um veículo que passa rápido demais, alguns caem do seu interior, outros não conseguem se quer agarra-

¹ Um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

² BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

lo, outros são destroçados pelas suas rodas. No projeto moderno, quando se trata de projetar um novo convívio humano, alguns não se ajustam à forma projetada e nem podem ser a ela ajustados, assim são mantidos de fora.

Esse estudo de Bauman serve para contextualizar uma realidade global, visível em diversas nações do mundo, é o que acontece também na realidade brasileira aqui estudada, em especial na realidade juiz-forana. Quando falamos das pessoas que residem no bairro Olavo Costa localizado na cidade de Juiz de Fora, certamente não podemos generalizar e dizer que todas estão “fora do bloco”, mesmo porque somos todos heterogêneos, com histórias de vida diferentes; mas não é o que ocorre como veremos adiante.

Devemos observar qual olhar está sendo direcionado a essa população que é discriminada pelo atual sistema, e é esse o discurso do presente trabalho que trata do bairro Olavo Costa que é marginalizado pelo olhar da cidade de Juiz de Fora. Será que os moradores deste bairro sofrem preconceitos de olhar por conta da visão de que é um bairro perigoso? Será mesmo essa a realidade do bairro? Essa pesquisa buscará entender se este bairro vai para além desse olhar e se merece novas perspectivas, até mesmo para o desenvolvimento de um novo sentimento de identidade de seus moradores.

Vamos recorrer à busca de fontes orais entre os antigos moradores do bairro, realizadas durante o meu período de estágio na prefeitura de Juiz de Fora na Secretária de Desenvolvimento Social, onde a principal busca dos participantes da pesquisa era por tradições e patrimônios culturais da comunidade. Com essas informações, seria possível desenvolver e pluralizar a educação patrimonial para os indivíduos que moram no bairro, neste trabalho buscaremos entender se essa educação é necessária.

Então, para adentrar nas entrevistas realizadas para o trabalho se faz necessário aprofundar no estudo de memória e como ela pode nos ajudar à compreender o sentimento de pertencimento a um determinado grupo e tradições.

1. Conhecendo o Objeto de Pesquisa

O bairro Vila Olavo Costa está situado na zona sudeste do município de Juiz de Fora. O loteamento começou a ser ocupado em 1950, foi inicialmente conhecido como “Vila do Olavo” e “Buraco do Olavo” e mais tarde por “Vila Olavo

Costa”. A sua designação é uma homenagem ao prefeito Sérgio Olavo Costa (1901-1967).³ Em entrevista, Davi Chaves, morador do bairro, conta como foi o caminhar do bairro:

(...) A Vila Olavo Costa foi construída só com mutirão, as famílias eram unidas, tinham respeito, o terreno era seu, era seu e ninguém mexia (...) Eu nos meus 77 anos, estando desde a infância aqui, a gente acha até gratificante, por que é um bairro alegre, um bairro que luta (...) Essa vila era pano pra tudo quanto é lado, tudo medindo os terrenos. Tinha um pequenininho outro grande (...) Pediam pra ocupar o terreno, chamaram o Olavo Costa, e o Sr. Sereno, que trabalhava no matadouro, marcava os terrenos (...) Se você queria um terreno era só ir no botequim do Carlos de Moraes que tinha aqui, onde reuníamos de noite para organizar os terrenos, aí o Sereno levava as pessoas para escolher e você marcava, e construía a sua casa, algumas tinha até mutirão para construir (...)⁴

Cruzando este depoimento com outras fontes, observamos como os que acabavam de se mudar para o bairro tinham grande união e força de vontade para que ali fosse seu novo lar. Segundo uma publicação da Prefeitura de Juiz de Fora: “Boa parte de tudo isso se fez com o trabalho de mutirão reunindo homens, mulheres, crianças e velhos, todo mundo renovando os calos das mãos na empreitada do domar a esperança”⁵. Nesse mesmo livro de posse de terra, podemos averiguar que o Sr. Sereno, já falecido, que o Davi Chaves cita acima foi um dos primeiros moradores do bairro:

Por volta de 1944 foram chegando os primeiros moradores à Vila Olavo Costa: Sr. Sebastião Modesto, apelidado de Sereno; Sr. João Germano; Sr. Antenor; Sr. Cezário. Já corria a década de 50 e ainda era raríssima a presença de moradias na maior parte remanescente do Sítio do Resto.⁶

No lugar onde hoje é o bairro Olavo Costa, havia um Sítio denominado “Sítio do Resto”, que foi doado para a criação do matadouro. Como era muito grande, mais tarde foi doado para a população de baixa renda da cidade.⁷ Pode observar aqui uma discriminação já na formação do bairro, uma vez que pessoas

³ LIMA, Laís Maria. Desenvolvimento das forças produtivas, crescimento da população supérflua e a favelização nesses tempos de crise estrutural do capitalismo: Um estudo sobre a vila Olavo Costa. 2009.

⁴ Davi Chaves em entrevista em 09 de maio de 2019.

⁵ Prefeitura de Juiz de Fora. Vila Olavo Costa, POSSE da TERRA. 1997. Pag.1.

⁶ Prefeitura de Juiz de Fora. Vila Olavo Costa, POSSE da TERRA. 1997. Pag.3.

⁷ Idem.

carentes economicamente eram relegadas ao local sem qualquer ajuda na formação do bairro sem nenhuma infraestrutura.

2. A Memória como um novo objeto de identidade e pertencimento

De acordo com o dicionário, memória é “a faculdade de reter as ideias adquiridas anteriormente, é “lembrança; reminiscência”⁸. É através da memória que é possível que gerações possam saber de acontecimentos passados de seus antepassados, podendo manter viva uma história para que essa sirva de possibilidade para o autoconhecimento. É a memória que nos torna capaz de ter a sensação de pertencimento a algum lugar, de afeto do “eu” e ao “outro”, essa é a memória social que será nesse sentido aqui usada.

Essa memória se mostra problemática no bairro, já que durante a pesquisa pude perceber que as novas gerações não conhecem sua história, uma vez que essa está sobreposta por um bombardeio quase diário. Esse bombardeio se refere às notícias que a mídia espalha na cidade sobre o bairro, por ser obviamente o que dá mais audiência. É divulgada na cidade somente a história de crime, ficando vista como a versão oficial sobre o bairro pelos a quem não conhece, ou até mesmo pelos que residem no bairro.

A memória foi e é objeto de estudo de diversos autores, como Jacques Le Goff que via na memória uma "propriedade de conservar certas informações" que nos levam "em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas"⁹.

De acordo com Maurice Halbwachs, estudioso da sociologia da memória, em *Memória Coletiva*(1990), a memória coletiva influencia as lembranças de cada indivíduo, que são solidificadas por construções coletivas, e são passíveis de transformações e mudanças constantemente. Portanto não é cabível analisar um sujeito, separado da experiência social à qual está inserido. Dessa forma, podemos entender como a memória que a cidade tem sobre o bairro, pode influenciar cada indivíduo morador do mesmo.

⁸ BUENO, Silveira. **Silveira Bueno**: minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.

⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. P.423.

Para este trabalho vale destacar que lembrar não é recuperar o passado em sua totalidade, mas refazer este passado através do olhar presente, pois a memória é seletiva, não dá para gravar e registrar tudo e sempre se escolhe o que será registrado. O que fica se transforma na representação criada, e de acordo com as experiências do indivíduo a representação que fica vai sofrendo alterações. Não somos os mesmos de ontem e por isso nossa percepção sobre a realidade se altera, mudando todas as ideias que tínhamos:

A organização da memória é em função das preocupações pessoais e políticas do momento... o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela (a memória) é também um fator extremamente importante de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si que consiste na valorização e hierarquização das datas, das personagens e dos acontecimentos. (Pollak, 1992, p. 204-5)¹⁰

Portanto, para Pollak, quando se reconstrói um passado, parte-se da imagem que se tem de si, para si e para os outros, ao recordar se cria uma imagem de nós para os que nos rodeiam. Esse fato requer que criemos certa coerência e continuidade de uma pessoa ou grupo social. Portanto, fica claro que o ato de lembrar não vem de maneira harmoniosa, é na verdade muito conflitivo, sobretudo quando se elabora o que deve ficar para ser lembrado e ser registrado. Memória, é um local de intensa disputa, pela versão que será a oficial de determinado fato.

A memória de determinado grupo faz com que as pessoas a identifiquem como referência na construção de uma história e identidade. Ela reforça sentimentos de pertencimento entre as coletividades. Essas referências do passado servem para manter uma continuidade na história de grupos de uma sociedade, e assim definir seu lugar respectivo e suas oposições.

Há um processo de organização do passado, segundo orientação de quem está no poder, que visa determinar o que deve ser lembrado, instituindo essa memória como a oficial. Essa memória determinada como oficial, muitas vezes, se sobrepõe a outras memórias, geralmente dos indivíduos que revelam certas ameaças sobre a ordem vigente, essas memórias são as chamadas de

¹⁰ POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Revista Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v 2, n 3, 1992. P.203.

subterrâneas, de acordo com Pollak. São essas memórias, do bairro Olavo Costa, que será objeto de estudo do presente trabalho.

Os passados ditos oficiais são lembrados por discursos (que no caso da Vila Olavo Costa, são reforçados diariamente pelos noticiários), homenagens (inexistentes atualmente no bairro), personagens (os personagens do bairro estão esquecidos pela cidade) etc. Dessa forma, esse passado fica enquadrado para que reforcem e expliquem a memória social. Assim, busca-se cristalizar determinado passado, na esperança que as memórias subterrâneas sejam esquecidas.

Outra maneira de oficializar uma história é transmitir noticiários sobre ela, dessa maneira, esses viram fontes para futuros trabalhos, é nesse ponto que analisamos a importância do presente trabalho. As memórias oficializadas sobre o bairro em estudo são as piores, e não há olhar para outros lados da comunidade. Dessa maneira, podemos pensar que não há outras memórias possíveis para os que ali vivem, porém as entrevistas com os moradores mostram outra visão, que na cidade não é difundida.

Essas memórias podem ser transmitidas, de pais para filhos oralmente e entre os pertencentes de determinado grupo. Portanto essa história não foi esquecida, está apenas silenciada, aguardando o momento certo para ser dita questionando a memória oficial e reivindicando a história verdadeira. A memória está vinculada às relações sociais dos indivíduos (sendo o primeiro contato com a própria família) que, por sua vez, seriam os responsáveis por transmitir a lembrança a seus descendentes.

Nesses termos, e de acordo com Maurice Halbwachs¹¹, a memória individual se constituiria através da memória coletiva dos grupos mais próximos do seu convívio, e se lapidaria através da memória dos grupos. Podemos imaginar que os imaginários, que circundam sobre um bairro, podem acabar por influenciar a memória individual dos moradores deste e da cidade pertencente, fazendo com que possa se identificar e criar estereótipos, muitas vezes criados e reproduzidos pelo imaginário da cidade. Vale ressaltar, que essas memórias individuais podem se modificar, de acordo com as alterações das memórias coletivas; assim estão em constante dinâmica.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 38

Em relação a essa discussão sobre memória, é interessante voltar ao Pollack, que dizia que a memória individual e a coletiva seriam construídas pela junção de dois acontecimentos, que seriam os vividos por cada um e os “*vividos por tabela*”¹². E é a partir dessa ideia que começamos a pensar, como noticiários de violência que saem quase que diariamente sobre um bairro (como é o caso do bairro Olavo Costa da cidade de Juiz de Fora) podem modificar o imaginário de seus moradores sobre seu grupo pertencente e até mesmo influenciá-los.

Os moradores do bairro Olavo Costa são pessoas que vivem marginalizados, e são muitas vezes rejeitados até em entrevistas de empregos simplesmente por morarem neste local. Já que na cidade e por conta de notícias de extrema violência, morte e tráfico de drogas, são vistos como nada além desses fatores como se no bairro só morassem pessoas com essas intenções. Dessa maneira, sem renda e com uma visão distorcida por parte sociedade, ficam a margem da cidade e sem muito o que fazerem, desiludidos alguns acabam virando vítimas do crime.

Porém o que pude observar durante a pesquisa, onde tive contato com vários moradores é que este bairro vai para além dessas narrativas, apesar de não ser o que se propaga do bairro Olavo Costa. Através de memórias de moradores antigos, é possível perceber uma história dessa população que vai para além de fatores negativos.

São essas memórias que serão o foco deste trabalho, com o fim de mostrar que a memória que é este fenômeno construído, pode ir para um lado positivo para estas pessoas, construindo um novo e diferente sentimento de identidade. Assim, ficará claro que há coisas boas a se mostrar sobre o bairro, mostrando que se faz necessário reforçar os lugares de memória no local, para que fique visível esse novo olhar. Levaremos em conta que no bairro há memórias que vão para além das memórias oficializadas pela mídia e pelo imaginário que circunda a cidade. Pois sabemos dos estudos de Halbwachs que nos diz que “as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”:

¹² Esse termo é utilizado por Pollak para identificar os acontecimentos vividos por um grupo ao qual um indivíduo pertence e que se tornam significativos, pois mesmo o indivíduo não tendo vivido, o envolvimento com o grupo o tornaria envolvido com a ação.

...Há de tudo lá, desde os gestos da generosidade mais desinteressada e anônima até os atos de violência que costumam ser realçados pelo preconceito de que é o pobre o culpado do crime da pobreza.¹³

Concluindo as ideias, podemos entender que a história ligaria o passado ao presente, mas não poderia recriar as correntes de pensamentos coletivos que só existiram numa época. Vemos então uma necessidade de resgatar essas memórias dos que no Bairro Olavo Costa habitam, para que seu passado fique registrado de alguma forma.

Pierre Norra destaca em seus estudos que a história precisa da memória para ser construída. Portanto, podemos destacar a memória como a capacidade de lembrar um determinado passado.

Vemos diante desses estudos, que devemos preservar para que as gerações futuras possam ter um pouco do passado, fazendo com que esses possam entender um pouco mais, onde esse passado estava inserido em um sistema mais amplo.

Revisaremos agora um pouco da história do bairro para que possamos entender melhor o porquê de tantas ausências de olhares para o Olavo Costa.

3. Vila Olavo Costa e seus olhares

Com a finalidade de caracterizar qual é o olhar dos juizforanos sobre o bairro Olavo Costa, foi feita uma pesquisa com 50 pessoas de diferentes bairros que passavam pela Rua Halfeld no centro da cidade de Juiz de Fora.

Na pesquisa, 37 pessoas das 50 declararam que nunca haviam frequentado o bairro, mas mesmo assim alegaram que achavam o bairro perigoso por já terem ouvido falar ou lido em jornais. Estive no bairro inúmeras vezes durante a pesquisa, mas nunca presenciei algo que não havia em outros bairros da cidade, pude perceber com essa pesquisa que há uma criminalização da imagem do bairro.

Outro fato relevante, é que 100% alegaram que não conheciam o Núcleo Travessia Padre Aloísio Jorgler, que está localizado no bairro, onde são promovidos diversos eventos e cursos, como: tricô, ginástica, capoeira, campeonatos e outros. Ficou claro que só é dirigido ao bairro um olhar, esse olhar está espalhado por

¹³ Prefeitura de Juiz de Fora. Vila Olavo Costa, POSSE da TERRA. 1997. Pag.1.

vários bairros da cidade e acabam por influenciar os próprios moradores do bairro que só se vêem pertencentes a essa visão.

Para se pensar o espaço pesquisado, vamos focar na história dos que ali residem e em como foram marginalizados desde a formação do bairro. Assim, vamos buscar entender o bairro pelo olhar de seus moradores.

A atual crise estrutural do capitalismo, afeta diretamente o espaço urbano, como também é o caso da cidade de Juiz de Fora.¹⁴ A população que não estava no mercado de trabalho, sem acesso à renda, ficava fadada a formas precarizadas de trabalho ou dependente de assistência social. O que ainda hoje não é muito diferente.

A desigualdade social acaba causando segregação, é o que ocorre ainda nos dias atuais com os moradores do Olavo Costa que são em sua maioria expulso do mercado de trabalho pelo fato de morarem em um local marginalizado pela cidade, onde são vítimas de preconceito por conta do imaginário que circunda na cidade sobre o local de suas residências.

Na pesquisa realizada por mim no centro da cidade, pessoas de diversos bairros foram abordadas quanto às questões sobre o bairro Olavo Costa. Quando questionados, muitos não tinham freqüentado o bairro, e todos consideravam perigoso, de acordo com o que se é falado na cidade. Abaixo agora o depoimento de um morador do bairro Olavo Costa:

“Por você morar no Olavo Costa, só de você falar que mora no Olavo Costa você já tem um ponto perdido. Infelizmente é a realidade... Nós somos desconsiderados por ser simplesmente de periferia, simplesmente é um negro a mais. É isso que nós somos.” (Reginaldo Barbosa da Silva, morador do Olavo Costa em entrevista).¹⁵

Assim, a segregação sócio territorial contribui para que as diferenças sejam fatores de preconceito entre uma classe e outra. Dessa maneira os moradores são vítimas de preconceito de classe, ficando marginalizados de trabalho e até mesmo de sociabilidade.

¹⁴ LIMA, Laís Maria. Desenvolvimento das forças produtivas, crescimento da população supérflua e a favelização nesses tempos de crise estrutural do capitalismo: Um estudo sobre a vila Olavo Costa. 2009.pag 23.

¹⁵ Reginaldo Barbosa da Silva, conhecido como Bulu, é morador do bairro e nos concedeu sua entrevista durante a realização do estágio para a Secretária de Desenvolvimento Social de Juiz de Fora.

Essa diferença na segregação é percebida também ao transitar pelo bairro e perceber uma diferença entre as moradias do centro urbano de Juiz de Fora e as do bairro Olavo Costa, onde as casas são simples, quando comparadas a outras. Essa característica é evidente em várias cidades brasileiras, mesmo em cidades pequenas.

Em Juiz de Fora, nas décadas de 1960/1970, chagavam novas indústrias, esse acontecimento fez com que a população de cidades próximas se sentissem atraídas pelas possibilidades de emprego na cidade.¹⁶ Porém, não havia empregos para todos, mas o desejo de melhorar de vida e permanecer na cidade foi motivo de resistência dos despossuídos das condições inclusive de moradia. A população pobre e proletária era renegada aos piores lugares.

Em 1961, no trecho abaixo, extraído do do Diário da Tarde é possível analisar as condições de vida dos moradores da periferia da cidade:

Pode o cidadão acostumado a pensar que tudo são flores na “Manchester”, (...) mas ficará boquiaberto se der um giro pelos arredores e presenciar a miséria e a dor que predominam nos bairros pobres... qualquer animal de estimação, em qualquer casa na classe média, tem uma existência melhor do que muitos dos pobres favelados.¹⁷

Em relação ao bairro Olavo Costa, podemos analisar sua formação a partir de um fato de 1960, onde moradores do bairro Ladeira, localizado na Zona Leste da cidade, foram retirados para que fossem encaminhados a lotes urbanos, porém estes foram despejados na Vila Olavo Costa.¹⁸

Dessa forma, com a intenção de higienizar o centro urbano, o que acontece é a criação de mais uma favela. O que a população desta área necessitava era de empregos e salários dignos, mas buscavam um lugar “adequado” aos pobres. E o que aconteceu é que o prefeito declarou “operação de guerra contra os pobres, expulsando-os de toda área que fosse passível de valorização”¹⁹; dessa maneira várias remoções aconteceram e só cessaram nas décadas de 1980/ 1990. Aos que já ocupavam a área da Vila Olavo Costa, foram doados vários lotes, foi assim com

¹⁶ LIMA, Laís Maria. Desenvolvimento das forças produtivas, crescimento da população supérflua e a favelização nesses tempos de crise estrutural do capitalismo: Um estudo sobre a vila Olavo Costa. 2009.pag 29.

¹⁷ .DIÁRIO DA TARDE , 1961 apud ABREU, 2010. P.152

¹⁸ ABREU, 2009

¹⁹ ABREU, p. 146

Maria de Lourdes Fernandes Tavela que foi entrevistada. Dona Tatá²⁰, como é conhecida, ainda hoje mora no bairro com toda sua família e não tem intenção de sair.

No decorrer da pesquisa, que vai para além do meu período de estágio, pude perceber que a Vila Olavo Costa se caracteriza como uns dos bairros mais carentes de Juiz de Fora e é tido como o mais perigoso da cidade. A população que ali vive, sofre com vários tipos de desigualdades.

Transito muito de transporte público pela cidade de Juiz de Fora, e pude perceber que cartazes com temas de estudos, vestibulares e oportunidades que vejo em outras vias circulares (mais centrais), não são encontradas nas vias que passam pela Vila Olavo Costa. O bairro sofre carências múltiplas, que não são determinadas por seus moradores, e vão para além de uma carência monetária.



Figura 1. Foto tirada de celular na via 525 que faz a ligação entre o centro e a Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia 20 de abril de 2019. Nela contem um cartaz de oportunidade de estudo que não está presente em ônibus que passam pelo bairro Vila Olavo Costa.

²⁰ Entrevista com Sra. Maria de Lourdes Fernandes Tavela, realizada durante período de estágio.

Na imagem acima, vê-se um cartaz em um ônibus que faz a linha da Universidade, localizada no bairro São Pedro, onde se anuncia um processo seletivo para estudo. No mesmo período era inexistente esse tipo de cartaz nos ônibus que fazem o trajeto do bairro pesquisado.

As desigualdades e marginalização sofridas pelos moradores do bairro, vêm mais de uma influência externa, o que pode fazer com que os sujeitos do bairro, acabem que internalizando determinada ação que não parte deles, e sintam-se nessa condição através de uma memória *vivida por tabela* e que é transmitida na cidade. Alguns moradores, dessa forma podem se sentir fadados ao crime, uma vez que nasceram no bairro e não tem escolhas e oportunidades, quanto ao olhar do outro.

As famílias que moram na Vila sofrem de vulnerabilidade social, não só pela pobreza monetária, mas pela fragilidade dos moradores quanto ao olhar da cidade sobre eles. Já vivem em condições precárias de moradias, convivem com violência urbana e tráfico de drogas – que está por toda a cidade – e ainda sofrem com o olhar que a cidade lhes oferece, não teria nada no bairro para além destas questões? Com a pesquisa vamos perceber que há, o bairro Olavo Costa merece outros olhares.

Os moradores do bairro em questão estão pobres, está pobreza não é necessariamente monetária, a pobreza é um fenômeno que também está ligado a carências culturais e espirituais no que concerne às possibilidades e esperanças.

4. Sobre as Ausências e invisibilidade das Narrativas dos que moram no bairro Olavo Costa

Sobre o levantamento étnico da população da Vila Olavo Costa, divulgado pela defesa civil, 25,9% dos moradores são brancos e 74,1% são pretos ou pardos.²¹ Este dado revela a situação dos negros pobres na cidade, que são fadados aos piores lugares e olhares, seja no mercado de trabalho, seja na sociedade civil; marcas da escravidão, da discriminação racial e da história de ausências de políticas voltadas para essa população.

²¹ apud Barreto, 2010 p.186

O descaso com esses moradores de bairros periféricos, pensando para além do Olavo Costa, nasce de forma multilateral. Esses moradores muitas das vezes se tornam imperceptíveis aos olhos humanos, invisibilizados pela cidade que habitam, ou pior, quando visíveis o motivo é algum crime ou negatização que acontece em todos os outros bairros, mas torna-se mais visível nestes que estão às margens. Esses moradores, quanto ao poder público, muitas das vezes são inexistentes.

Inexistem no bairro, lugares de memórias consolidados, dessa maneira analisamos que nem mesmo com o espaço de memória essa comunidade é recompensada, os próprios moradores pouco sabem de sua história. Dessa forma, ficam seduzidos pelo que é vendido nas mídias.

Basta abrir a “Tribuna de Minas” – Noticiário de Juiz de Fora e da Zona da Mata Mineira - no Tópico Olavo Costa, para entender o que está em questão. No mesmo mês de abril, em que foi feita a pesquisa, no Tópico Olavo Costa só consta tragédias. Mas, estava sendo realizado no campo do Núcleo Travessia – Localizado no referenciado bairro – o primeiro torneio de futsal veterano e feminino adulto. Porém, não há espaço e olhar para o bairro sobre o tema esporte, porque outros se destacam ou são mais comuns aos olhares sobre o bairro, a ponto de outras questões passarem despercebidas.

Quanto à pesquisa realizada com moradores de outros bairros no centro da cidade, 100% deles declararam nunca ficar sabendo de campeonatos de qualquer tipo de esporte no bairro. Esses eventos não são divulgados pela mídia, ficando a informação somente aos que participam, ou tem contato com os que participam. E nesse quesito, as redes sociais são aliadas, nesse ponto, aos moradores.

Foi através do status do aplicativo whatsapp de um morador do bairro, Wanderley, atual presidente da Associação dos Moradores, que obtive a informação sobre o torneio:



Figura 2- Foto reproduzida de aplicativo social do morador do bairro (Valter Vanderley Garcia, presidente da associação dos moradores), no dia 11 de abril. Nela é divulgada a Copa de Futsal que aconteceria no bairro Olavo Costa.

O mesmo acontece com a ginástica que acontece no Núcleo Travessia todas as terças e quintas:

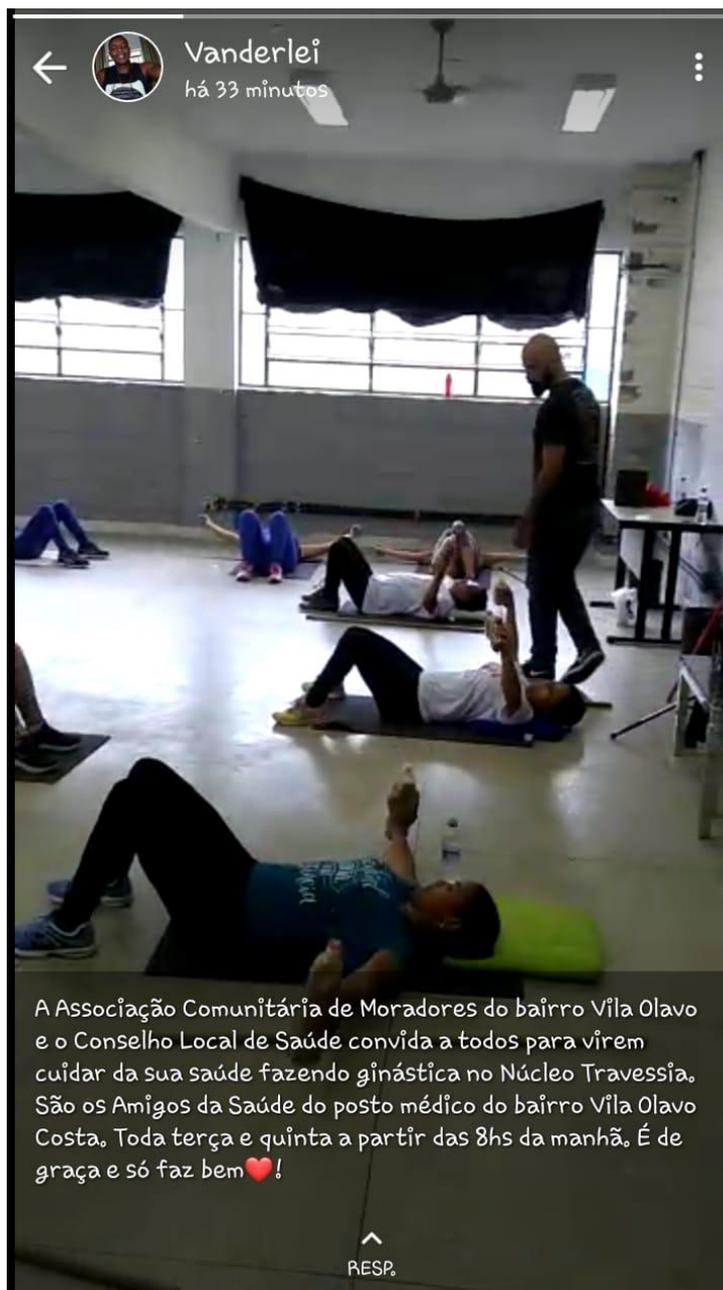


Figura 3- Foto reproduzida de aplicativo social do morador do bairro (Valter Vanderley Garcia, presidente da associação dos moradores), no dia 10 de abril. Nela é divulgado Ginástica que acontece no Bairro Olavo Costa.

Os moradores de outros bairros, que foram analisados quanto ao bairro, sequer conheciam o Núcleo Travessia Padre Aloísio Jorgler, e quando alegavam conhecer, não sabiam de projetos como o destacado pelo morador acima citado, na rede social.

Acontece, diariamente, essa invisibilidade do bairro em temas culturais, há ausências de olhares positivos sobre os moradores, que os deixam marginalizados e excluídos pela população juizforana e até mesmo pelos próprios

moradores que se sentem vítimas da memória que está sendo oficializada sobre eles. Muitos não veem outra dimensão do bairro e ficam presos a esse imaginário que está sendo oficializado.

Veja na imagem abaixo o Tópico sobre o bairro no Jornal *Tribuna de Minas*, no mesmo mês em que acontecem as ações mencionadas acima:

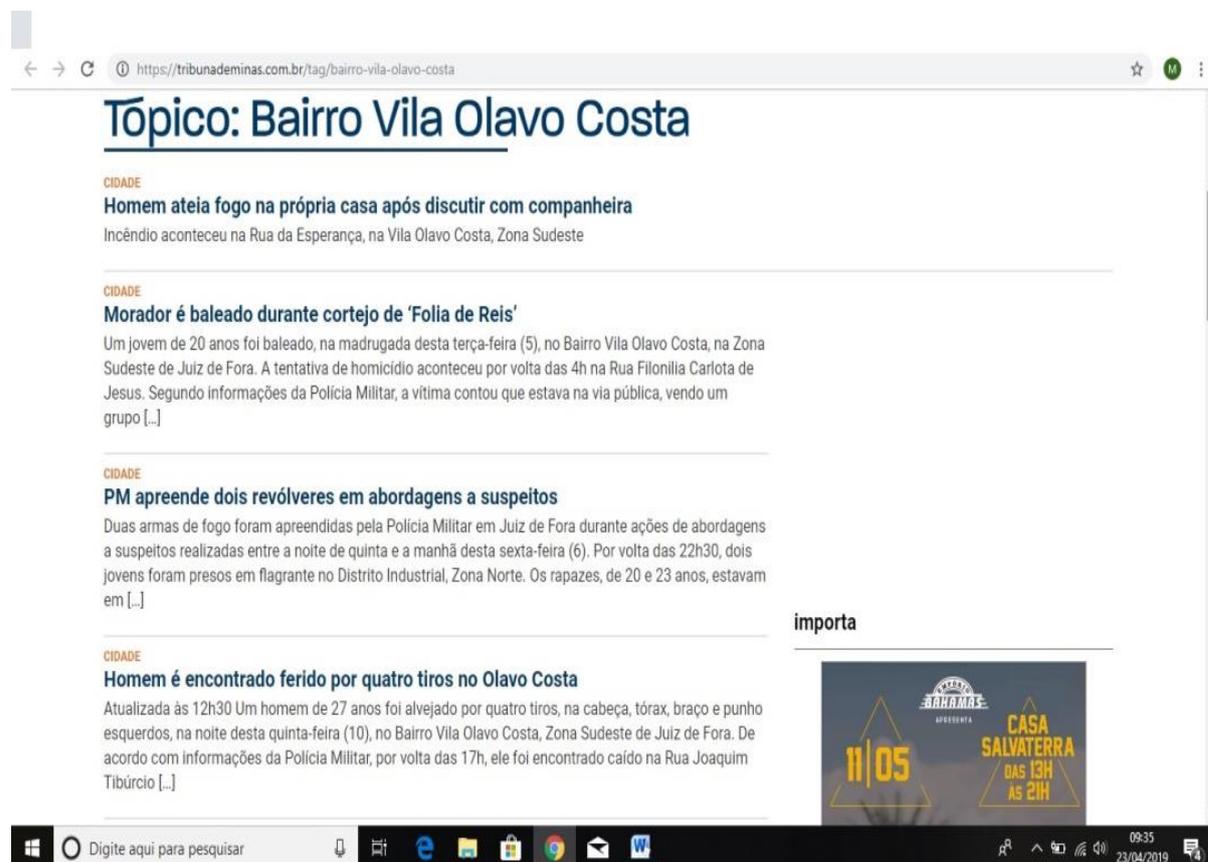


Figura 4 - Foto reproduzida do site do Tribuna de Minas, no dia 23 de abril de 2019. Nela é apresentada as reportagens referentes ao bairro pesquisado.

As mesmas notícias são amplamente divulgadas por outros jornais da cidade como o *Alterosa* e a *TV Integração*, dessa maneira os moradores da cidade desenvolvem um medo sobre o bairro, simplesmente por não conhecerem o outro lado dos que no Olavo Costa residem. Vale lembrar que diversos crimes como esses ocorrem em outros bairros nobres da cidade, porém são abafados.

Sobre os jogos que acontecem no bairro não há divulgações, dessa forma, fica restrito somente aos que participam e ficam de alguma forma envolvidos, pois os restantes estão preocupados com outras formas de divulgação do bairro, como mostra a imagem acima. Alguns moradores tem consciência da situação:

Mas são coisas que eles teriam que nos fortalecer, mas não temos incentivo. O incentivo só tem pra quem faz aula de bale ou outras danças mais? Porque a nossa mesmo a gente não tem apoio, a gente precisa de apoio para caminhar, não é para mim, é uma coisa que a gente gosta, e vai tirar um garoto da rua. Se tem uma escola de Samba funcionando (Referindo a escola de samba Juventude Imperial, criada no bairro) você leva um garoto para lá e ele tá criando uma fantasia, ele tá aprendendo a mexer num instrumento ele tenta construir um carro alegórico, mas este lado não é reconhecido porque ele é um garoto de periferia. Aquele que tem a sabedoria da periferia não tem o valor. Ai você vai se entristecendo e não vai tendo mais nada. (Reginaldo Barbosa da Silva conhecido como Bulu em entrevista, 29/01/2019)

Durante várias das entrevistas realizadas durante o estágio foi possível perceber que o bairro tem forte ligação com a história do carnaval na cidade.

5. O bairro Olavo Costa e suas contribuições históricas para a cidade de Juiz de Fora.

Nas entrevistas com moradores do bairro, outra questão sempre era destacada: a forte ligação do bairro com a história do carnaval de Juiz de Fora. Sr. Oswaldo (morador do bairro Vila Ideal que faz divisa com o bairro Olavo Costa, a rua de sua residência é a que faz divisa com o bairro), sempre teve o hábito de fotografar acontecimentos do bairro Olavo Costa e tem em sua residência grande arquivo pessoal, onde a predominância são as fotos da Juventude Imperial. Pude concluir que a história do carnaval juiz-forano não acontece sem o bairro Olavo Costa. Abaixo imagem da Juventude Imperial, criada no bairro:



Figura 5- Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Fereira, fotógrafo, sem data. Nela podemos observar um dos desfiles da Juventude Imperial.

Falando em Juventude nos aparece Aloísio Carneiro (Flavinho da Juventude) que é morador do bairro e muito ajudou na história das escolas de Samba em especial a “Juventude Imperial”. Flavinho mora atualmente no bairro e é esquecido pela memória da cidade.

Ela não veio como escola, ela veio como bloco. Primeiro ano ela desfilou com uma certa quantidade de componentes, no segundo ano a quantidade de componentes já não tinha mais condições como bloco, já não poderia mais ser aceita como bloco, já passava de 1800 componentes mais ou menos. Ai no terceiro ano em que ela foi desfilar já teve que ir como escola. Aí ela foi campeã, bicampeã, tricampeã e tetracampeã. Nesses quatro campeonatos em três deles eu estava na bateria mirim, eu saía na bateria mirim que foi a primeira de Juiz de Fora, montada pela Juventude Imperial. (Reginaldo Barbosa da Silva conhecido como Bulu em entrevista, 29/01/2019)

O bloco foi criado, inicialmente, para homenagear o prefeito Olavo Costa, por ter doado os terrenos aos que ali ocupariam e foi espalhando tanta alegria que logo virou escola de samba e conquistou toda a cidade. Toda a cidade frequentava o bairro para acompanhar a escola, mas aos poucos e com pouco incentivo, a tradição foi se perdendo. “Se você faz alguma coisa na escola, os jovens ficam animados, eles gostam de atividades carnavalescas”²².

Aloísio Carneiro, ou melhor, “Flavinho da Juventude”, como prefere ser chamado, já compôs diversos sambas vencedores através da Agremiação

²² Davi Chaves, presidente da Juventude Imperial em entrevista em 2019.

Juventude Imperial. Nela, ele também se destacou como puxador. Seus sambas também foram sucesso em outras agremiações, como a Águia de Ouro e também o Turunas do Riachuelo também da cidade de Juiz de Fora. Suas músicas também estiveram presentes nas noites juiz-forana.

Porém, Flavinho da Juventude é muito humilde, abaixo trecho de entrevista realizada com Flavinho:

“Nunca me vi como compositor de samba. A minha primeira música foi “dia a dia”, sobre um amor platônico, e graças a ela fui sondado a participar como compositor da Juventude Imperial. Apresentei esse projeto (aqui se referindo a um CD que lançou através da lei Murilo Mendes) exatamente para mostrar minhas composições pouco conhecidas, que falam do orgulho de ser negro, morar no morro (“Sou do morro”), sem contar a crítica à ditadura que vivíamos.”²³

Esse vínculo do carnaval da cidade com o bairro Olavo Costa e também com outros bairros periféricos esclarece um pouco sobre a falta de incentivo a essa festa cultural na cidade, que atualmente acontece com uma semana de antecedência.

Abaixo um trecho da entrevista de outro morador do bairro que desde pequeno está ligado à tradição carnavalesca:

acabaram com muitas coisas nossas, principalmente com o nosso carnaval. Ai vai só acabando.- A que não dá certo, porque que não dá certo? Porque é uma coisa popular, é uma coisa de periferia, você vê que nos bairros mesmo que tem suas escolas de samba e que tem seu pessoal no samba tá todo mundo quieto, e não vê ninguém com mais nada por que você não tem o que fazer mais. Carnaval na nossa cidade não tem, antecipar o carnaval uma semana antes da data dele? Isso ai acabou com o nosso carnaval, em vez de incentivarem o carnaval a melhorar incentivaram o carnaval acabar. Porque eles tem dinheiro e eles podem ir pra fora, agora nós que somos pobres não, nós temos que ficar dentro da nossa comunidade. E mesmo assim sem ter condições de brincar nosso carnaval por que não existe recurso pra gente brincar o carnaval. Ou você tira do bolso pra fazer, ou você não faz.²⁴

Juiz de Fora aparece aqui como uma cidade burguesa e conservadora, e quanto a sua população pobre e marginalizada cabe destacar o que notou Thompson (1987^a:61-62), “o fatalismo, a ironia em face das homilias, do *Establishment*, a tenacidade da autopreservação”, possibilitarão aos indivíduos

²³ Flavinho da Juventude em entrevista para o site acessa. Disponível em <https://www.acessa.com/cultura/arquivo/musica/2017/09/06-entrevista-com-compositor-flavinho-juventude/> ultimo acesso em 05 de junho de 2019.

²⁴ Reginaldo Barbosa da Silva conhecido como Bulu em entrevista, 29/01/2019.

pobres e socialmente marginalizados conservarem “certos valores – espontaneidade, capacidade para diversão e lealdade mútua – apesar das pressões inibidoras” das classes conservadoras.

Durante as entrevistas ficou constatado que a capacidade para diversão é o que não falta entre os moradores do bairro. Voltando a falar do carnaval, uns dos maiores feitos da Escola foi vencer o carnaval juiz-forano por quatro anos consecutivos iniciando em 1970.



Figura 6- Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Fereira, fotógrafo, sem data. Nela está Davi Chaves, atual presidente da Juventude Imperial, junto com cantor não identificado.



Figura 7- Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Ferreira, fotógrafo, sem data. Nela está Flavinho da Juventude cantando na agremiação Juventude Imperial.

O grande cantor e compositor da Juventude Imperial, Flávio Aloísio Carneiro, conhecido como Flavinho da Juventude, em entrevista relata a dificuldade que teve em sua trajetória de vida. Mas sempre demonstra força de vontade e felicidade, sempre com um sorriso estampado em seu rosto.

Flavinho começou a estudar aos 21 anos, embora já soubesse escrever, e chegou a terminar um curso superior, dando aula de química até se aposentar. Dedicou boa parte de sua vida à escola de Samba Juventude Imperial, onde compôs os sambas que renderam premiações à escola. Abaixo, uma de suas composições feitas em 2011:

Olavo Costa, Ideal, Ozanam, Furtado de Menezes;
Essas vilas de mãos dadas tantas vezes, apesar desses dias tão tristonhos,
Na luta em favor de um mundo igual;
Reunindo as famílias e seus sonhos, para entoar na avenida principal o grito
magistral do seu mundão,
Juventude Imperial, Juventude Imperial porta voz do carnaval, Carnaval;
Vem cantando alegremente, arrastando a nossa gente para uma grande
evolução, Evolução;
Vem pra luta e não se entrega esse povo que carrega o luar no coração.²⁵

Sua inspiração para compor começou através de uma namorada platônica, que teve aos 21 anos. E com a primeira composição ganhou o festival de música no bairro Linhares.

Flavinho se dedica em tudo que se propõe a fazer, não foi só no universo do Samba juiz-forano que deu sua contribuição, pois o Flavinho professor, lecionava gratuitamente matemática e química, para os jovens da comunidade e participava de movimentos como Conselho Municipal de Valorização da Pessoa Negra.²⁶

O objetivo do presente trabalho não é realizar uma pesquisa exaustiva sobre Flavinho, embora perceba essa necessidade desse estudo, uma vez que a personalidade em questão, faz parte da história do carnaval juizforano com várias composições que podem vir a se perder.

Pensando na religiosidade do bairro, uma figura que se destaca é o Padre Aloísio Jorgler, em várias das entrevistas realizadas seu nome foi destacado como um bem feitor para o bairro. Para além, ele leva o nome do “Núcleo Travessia Social Padre Aloísio Jorgler”. O Padre era da Congregação do Verbo Divino, atuou ativamente na assistência de carcerários e desenvolveu vários trabalhos no bairro em estudo. Na década de 70 recebeu o título de Cidadão Honorário de Juiz de Fora por conta de suas ações.²⁷

Nas entrevistas, ficou claro que os moradores antigos ainda guardam em suas memórias a presença do Padre Aloísio com grande admiração. Ele possibilitou o acesso a estudos de vários moradores e os ajudavam espiritualmente e financeiramente.

²⁵ Composição de Flavinho da Juventude de 2011.

²⁶ Informações retiradas do Jornal Tribuna de Minas 20 de julho de 2013.

²⁷ Informações retiradas de cartaz fixado no Núcleo Travessia Padre Aloísio Jorgler.



Figura 7- Foto reproduzida do arquivo pessoal do Sr. Osvaldo Ferreira, fotógrafo, sem data. Nela está Padre Aloísio celebrando um batismo na Paróquia do bairro Olavo Costa.²⁸

Em uma palestra que realizamos durante o meu período de estágio, em fevereiro de 2019, onde o objetivo era apresentar um pouco da história do carnaval de Juiz de Fora para os jovens presentes no núcleo Travessia, localizado no Olavo Costa e em outras idas ao Núcleo Travessia Padre Aloísio Jorgler, pude perceber como os jovens que ali estavam e que ali moram não conheciam o Flavinho ou a história da Juventude. Eles também não sabiam quem foi o Padre Aloísio, mas os mesmos sabiam da criminalidade, que muito é publicada sobre o bairro.

Nesse ponto, percebemos a necessidade de uma intensificação de uma educação patrimonial, voltada para os patrimônios culturais do bairro, pois a nova geração está fadada a conhecerem somente o lado criminoso do bairro, o que pode ser uma ameaça ao seu sentimento de pertencimento. Para Horta(1999), a

²⁸ Idem ao 13.

educação patrimonial trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo.

A educação patrimonial constitui-se em processos educativos formais e não formais, com foco no patrimônio cultural material e imaterial. Sua principal função seria a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas suas manifestações, com a finalidade de colaborar para o seu reconhecimento. Dessa forma, os moradores podem fortalecer a relação de pertencimento e valorização das histórias narradas nas entrevistas, que são seus patrimônios culturais.

Sobre a importância da Educação Patrimonial para o caso do bairro Olavo Costa, gostaria de esclarecer a importância de intensificar as atividades nesse sentido, a partir do aprofundamento das pesquisas sobre a região. Já que algumas escolas do entorno do bairro desenvolvem algumas ações, bem como o Núcleo Travessia Padre Aloísio Jorgler.

Também destaco que um projeto de Educação Patrimonial está em andamento, a partir da iniciativa e estímulo da Secretária de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Juiz de Fora, através da Supervisora de Integração ao Mundo do Trabalho, Valéria Leão Ferenzini, que elaborou e orienta um projeto de pesquisa sobre a história e memórias das Vilas que se encontram na região do bairro Olavo Costa.

Foi a partir da minha participação como estagiária neste projeto de pesquisa da Secretária de Desenvolvimento Social, que surgiu o interesse pelo tema e o desenvolvimento deste trabalho. Além do contato com as fontes e entrevista com moradores diversos do bairro em questão.

Conclusão

Longe de abarcar todos os importantes acontecimentos do bairro Olavo Costa, este trabalho teve como principal interesse analisar se há uma história para além do que a mídia apresenta sobre o bairro, para tal foi utilizado o estudo de depoimento de moradores deste e experiência de vivência durante a pesquisa.

Foi possível atestar, com base no estudo das narrativas e dos trabalhos já realizados sobre o bairro, a existência de várias histórias, antigas e atuais, que vão para além do que a mídia apresenta atualmente. Por vezes, essas histórias entram em conflito com as difundidas pelo imaginário atual sobre o bairro, que estão de acordo com a pesquisa realizada com moradores de outros bairros da cidade de Juiz de Fora.

Percebe-se, então, com os moradores do Olavo Costa que longe de um discurso consolidado e homogêneo, o que há é uma série de discursos que divergem da imagem negativa do bairro. Essas histórias se perdem e são silenciados frente à história difundida na cidade.

O objetivo aqui, foi notar e fazer notar essas vozes silenciadas para que possa ficar registrado esse novo breve olhar e quem sabe incentivar novos trabalhos. Assim, ao término desta pesquisa, pude concluir que se faz necessário um novo olhar para o bairro Olavo Costa, pois nele há, para além dos noticiários midiáticos, moradores de bem, assim como nos outros bairros da cidade de Juiz de Fora. Há nele inclusive sujeitos históricos importantes, que por motivos diversos vem sendo esquecidos, como é o caso do Flávio Aloísio Carneiro, famoso Flavinho da Juventude.

Faz-se necessário uma educação patrimonial. O bairro Olavo Costa trás em sua história uma forte ligação com o carnaval da cidade, algo que durante a pesquisa foi possível verificar que está se perdendo, uma vez que novos moradores não se reconhecem mais nessa tradição. Podemos concluir que essa memória pode estar se perdendo nas novas gerações, que por conta das notícias que são transmitidas, atualmente, tanto na mídia como no imaginário da cidade, se perdem e não se sentem pertencentes a nada que vá para além da marginalização.

A partir dessa e outras observações, vejo como os jovens moradores do Olavo Costa, muitas das vezes, se perdem em relação às suas origens, uma vez que esta não está sendo reproduzida pela mídia local. Assim, se identificam, quase

que de forma automática ao crime, que é difundido pela mídia. Sendo assim, se mostra uma extrema necessidade de uma educação patrimonial no local, para que possam identificar suas raízes e compartilharem suas culturas que acabam sendo massacradas pelo atual sistema.

Dessa forma, foi possível uma aproximação em relação a vários aspectos do bairro, trazendo à tona novos contextos, perspectivas e representações, com o objetivo não de substituir análises midiáticas, mas enriquecê-las e pluralizá-las.

Bibliografia

ABREU, C. S. de. *Favela e Remoção em Juiz de Fora: Um estudo da Vila da Prata*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

ABREU, C. S. de. Favelas em Juiz de Fora: a ocultação do fenômeno. *Revista da Faculdade de Serviço Social, UFJF*. Ed. Libertas. Juiz de Fora, v.4, julho de 2010.

ALBERTI, V. *História oral. a experiência do Cpdoc Rio de Janeiro*: FGV - Instituto de Documentos, 1990.

BARRETO, A. C. de J. *O lugar dos negros pobres na cidade*: Um estudo da área e risco do bairro Dom Bosco. *Revista Libertas*, Juiz de Fora, v. 10, p 188-215, jul.2010.

CHAVES, T. S. *Estudo de caso*: A cidade de Juiz de Fora MG, sua centralidade e problemas socioeconômicos. Juiz de Fora, *Revista de Geografia, Meio Ambiente e Ensino*, v. 2, nº1,2012.

CLARET, T. A. M ; HORTA, T. A. C. *Mapa Social*: Análise da situação do desenvolvimento familiar em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Funalfa, 1. Ed. v. 01, 2012.

HALBWACHS, M A *memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

HORTA, Maria de Lourdes Parreira e outros. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Museu Imperial. IPHAN/MinC. Brasília,1999.

KOWARICK, L. *Viver emrisco*: Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. Editora 34, 2009.

MARX, K. *A assim chamada acumulação primitiva*. In: *O Capital*: crítica da economia política. São Paulo: Abril, 1984.

MARX, K. *O Capital: Crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NORRA, Pierre. Entre a memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC/SP, 1993, n.10

OLIVEIRA, L. E. *Os trabalhadores e a cidade: formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)*. Juiz de Fora: Funalfa, 2010.

POCHMANN, M. *Desempregados do Brasil: Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

POLLAK, M Memória e identidade social Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v 2, n 3, 1992

POLLAK, M Memória, esquecimento e silêncio Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v 2, n 3, 1989

SOUZA, Gilciere Aparecida. Criminalização da pobreza e a juventude negra da periferia de Juiz de Fora: Um apontamento a partir do bairro Olavo Costa.

THOMPSON, Edward Palmer. A formação da classe operária inglesa. Vol. I: a árvore da liberdade. 1ª edição [1987]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

YASBEC, M. C. *Pobreza e Exclusão Social: dois pontos de Expressão da questão social no Brasil*. Revista Libertas, Rio de Janeiro, p. 33-41, nº3, jan-jun 2001.

Corpus documental

- Jornal Tribuna de Minas 20 de julho de 2013.
- Tribunas de Minas Tópico Olavo Costa 23 de abril.
- Questionário distribuído a 50 moradores da cidade de Juiz de Fora.
- Entrevista²⁹ com Flávio Aloísio Carneiro conhecido como Flavinho da Juventude, morador do bairro.
- Entrevista com Reginaldo Barbosa da Silva conhecido como Bulu, morador do bairro.
- Entrevista com Maria de Lourdes Fernandes Tavela, conhecida como Tata e moradora do bairro.
- Entrevista com Davi Chaves, morador do bairro e presidente da Juventude Imperial.

²⁹ Todas as Entrevistas mencionadas (Há entrevistas que não foram mencionadas por falta de autorização) foram realizadas durante o período de estágio na Secretaria de Desenvolvimento Social juntos a todos que estavam envolvidos com o projeto. O uso das entrevistas foi autorizado por todos entrevistados.

Anexo I

Dados Pessoais:

1. Sexo:

()Feminino ()Masculino

2. Idade: _____

3. Bairro em que reside: _____

4. Já frequentou o Bairro Olavo Costa? ()sim ()não

5. Considera o bairro perigoso? ()sim ()não

6. Se respondeu sim para a questão 5, porque ou onde ouviu dizer?

7. Já viu algum noticiário sobre o bairro? ()sim ()não

8. Conhece ou já ouviu falar na escola de Samba Juventude Imperial? ()sim ()não

9. Sabe que ela foi fundada no Olavo Costa? ()sim ()não

10. Conhece ou ouviu falar de algum campeonato de futebol ou futsal que acontece no bairro?

()sim ()não

11. Conhece ou ouviu falar de algum projeto que acontece no bairro? ()sim ()não

12. Conheceu ou ouviu falar do Núcleo Travessia que se localiza no bairro? ()sim ()não
